



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O JORNALISTA COMO PERSONAGEM: A TRAJETÓRIA
DE NELLIE BLY EM *TEM DAYS IN A MAD HOUSE***

AUDRYN KAROLYNE NASCIMENTO DA CONCEIÇÃO

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O JORNALISTA COMO PERSONAGEM: A TRAJETÓRIA
DE NELLIE BLY EM *TEN DAYS IN A MADHOUSE***

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

AUDRYN KAROLYNE NASCIMENTO DA CONCEIÇÃO

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Cristiane Henriques Costa

Rio de Janeiro

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

CONCEIÇÃO, Audryn Karolyne Nascimento da.

O jornalista como personagem: a trajetória de Nellie Bly em *Ten days in a madhouse*. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de
Janeiro – UFRJ.

Orientador(a): Cristiane Henriques Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O jornalista como personagem: a trajetória de Nellie Bly em *Ten days in a madhouse***, elaborada por Audryn Karolyne Nascimento da Conceição.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa
Pós-Doutora em Comunicação pelo LAIOS-CNRS
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Maria Helena Junqueira
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Déborah dos Santos Nascimento,
que sempre me recebe em casa como se eu
tivesse passado muito tempo longe

AGRADECIMENTOS

É impossível não começar agradecendo aos meus pais, Déborah e Abilio, porque sem eles o sonho da universidade pública não teria sido possível. Obrigada por todas às vezes que vocês me ouviram chorar e reclamar que eu nunca ia conseguir passar nas matérias de Exatas na escola, que o ENEM era impossível e que eu nunca, nunca, eu ia ter nota o suficiente para ser aprovada na UFRJ. Meu carinho e amor por vocês não tem tamanho e sem todo o afeto, o apoio financeiro e o espaço que vocês me deram para ficar quietinha no meu quarto fazendo minhas coisas, eu jamais teria psicológico, disposição e motivação para pegar três horas de trânsito para ir e três horas de trânsito para voltar de São Gonçalo até Botafogo.

Também não teria sido possível me formar com dignidade se não tivesse tido professores que são profissionais tão competentes, justos, éticos e que cairiam para trás se vissem tantos adjetivos em uma única frase, porque jornalista não usa adjetivo, não é? Meus agradecimentos mais que especiais ao corpo docente da Escola de Comunicação pela paciência, carinho, afeto, broncas e conselhos. Eu levo vocês em várias partezinhas do meu coração, cada um em sua própria editoria.

Agradecimentos especiais a minha orientadora, Cristiane Costa, por ter aceitado me orientar. Durante a graduação, nós ouvimos diversas vezes que não é todo professor que de fato orienta seus orientandos. Você me sugeriu um tema incrível, leu cada linha que eu tivesse escrito, ainda que tivesse sido na noite anterior morrendo de sono e cheia de erros de concordância, discutiu cada elemento da minha bibliografia e me aguentou reclamando que não ia conseguir apresentar esse período. Sério, eu não teria conseguido se você não tivesse tido tanta paciência comigo e me tratado com tanto carinho sempre.

Eu preciso agradecer aos meus amigos. Sem vocês... com quem eu iria desabafar? Cada um foi essencial do seu próprio jeitinho, seja revirando os olhos todas às vezes que eu disse que não iria conseguir, seja me dando um abraço todas às vezes que eu disse que não iria conseguir. Obrigada pela compreensão com a amiga estressada com monografia, estágio e outros trabalhos da faculdade, pelo entendimento de todas as vezes que precisei recusar uma saída e também todas as vezes que vocês me arrancaram de casa. 2019 foi um ano muito difícil para mim em vários aspectos e, sério, não tem um dia que eu não pare para pensar que sem vocês teria sido impossível. Eu sinto muito medo de citar nomes e acabar esquecendo de alguém, mas podem ter certeza que lembro de todos vocês.

Agradecimentos mais que especiais a todos os chefes e colegas de trabalho que me atravessaram durante a faculdade. Vocês me mostraram na prática o que é ser um profissional da Comunicação e, principalmente, do Jornalismo, dentro do mercado de trabalho. Aprendi com vocês a aplicar meus conhecimentos teóricos e a não ser totalmente devorada pelo capitalismo compulsório. Obrigada por confiarem em mim no meu início de carreira, na minha capacidade e acreditarem que eu poderia chegar longe. Vocês me ensinaram a valorizar mais o meu trabalho e admirar aqueles que sentam do meu lado. Sem vocês não me sentiria tão completa me formando.

Por fim, a todos os familiares e pessoas que esqueci de citar, mas que também contribuíram. Sério, eu realmente morro de medo de esquecer de alguém.

EPÍGRAFE

Pois acredito que se vivermos por mais um século – estou falando da vida comum que é a vida real, não das vidinhas isoladas que levamos como indivíduos – e tivermos quinhentas libras por ano e um espaço próprio [um teto todo seu]; se cultivarmos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se fugirmos um pouco das salas de visitas e enxergarmos o ser humano não apenas em relação aos outros, mas em relação à realidade, ao céu, às árvores ou a qualquer coisa que possa existir em si mesma; se olharmos para além do fantasma de Milton, porque nenhum ser humano deveria bloquear nossa visão; se encararmos o fato, porque é um fato, de que não há em quem se apoiar, e de que seguimos sozinhas e nossa relação é com o mundo da realidade e não só com o mundo de homens e mulheres, então a oportunidade surgirá, e a poeta morta que era irmã de Shakespeare encarnará no corpo que tantas vezes ela sacrificou.

(Virginia Woolf, Um teto todo seu)

CONCEIÇÃO, Audryn Karolyne Nascimento da. **O jornalista como personagem: a trajetória de Nellie Bly em Ten days in a madhouse**. Orientador(a): Cristiane Henriques Costa. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

Em 16 de outubro de 1887, a jornalista Elizabeth Cochran Seaman publicou a reportagem em *Inside the madhouse*, no *New York World* de Joseph Pulitzer. Sob o pseudônimo de Nellie Bly, que usou durante toda sua carreira, ela inaugurou um movimento que ficou conhecido como *stunt-reporting*. Majoritariamente exercido por jornalistas mulheres, o *stunt* consistia em se infiltrar em lugares para conseguir escrever uma reportagem da perspectiva do sujeito que ocupava aquele espaço. Essas mulheres, no entanto, foram praticamente esquecidas pela História do Jornalismo. Este trabalho, portanto, tem o intuito de resgatá-las, analisando através de um estudo de caso intrínseco a figura de Bly, como repórter, celebridade e a considerada primeira e mais bem-sucedida das *stunt-girls*, como ficaram conhecidas essas mulheres, por ter se infiltrado em um hospício se fingindo de histérica, um comportamento esperado para mulheres de sua época.

Palavras chave: Nellie Bly; *stunt-reporting*; *stunt-girls*; sensacionalismo; História do Jornalismo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. **A INSERÇÃO DA MULHER NA IMPRENSA NO FINAL DO SÉCULO XIX**
 - 2.1 As mulheres no jornalismo amarelo: as *stunt girls*
 - 2.2 A entrada de Nellie Bly no *New York World*
3. **A IMERSÃO EM *TEN DAYS IN A MADHOUSE***
 - 3.1 O jornalista como personagem da própria matéria
 - 3.2 Nellie Bly e a performance da histérica
 - 3.3 O que fez de Nellie Bly uma celebridade da sua época
4. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**
5. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. INTRODUÇÃO

No conto “Só vim telefonar”, do autor colombiano Gabriel García Márquez, o carro da personagem mexicana Maria de la Luz Cervantes sofre uma pane no meio do deserto dos Montenegros, na Espanha. Desesperada, ela pega carona em um ônibus, com o intuito de chegar a um telefone para avisar a seu marido que iria se atrasar para o compromisso deles em Saragoça, além de pedir ajuda.

Mas o que ela não sabia é que o ônibus estava indo levando pacientes psiquiátricas para um manicômio. Quando chega lá, Maria é confundida com uma delas e não a deixam mais sair. Mesmo quando seu marido, depois de anos, consegue a encontrar, ele passa a achar que Maria de fato tem algum tipo de problema mental, preferindo deixá-la internada do que a levar de volta para casa, considerando sempre sua decisão como muito normal e sensata.

O conto, parte integrante do livro 12 contos peregrinos, uma ficção sobre imigrantes latino-americanos vivendo na Europa, comprova duas coisas: como é fácil rebaixar o discurso de uma mulher, principalmente se for um homem quem o faz, e como não é preciso muito para considerar uma mulher uma histérica.

Às vezes, a realidade imita a ficção. Ou seria o contrário? Em 1987, a jornalista Elizabeth Cochran Seaman, conhecida pelo pseudônimo Nellie Bly, fingiu ser uma imigrante cubana louca para se infiltrar no hospício da Ilha de Blackwell, em Nova York. Passando 10 dias onde atualmente é o bairro residencial da Ilha de Roosevelt, Bly foi tratada como uma das pacientes, passando frio, fome e sofrendo violências físicas, com o intuito de denunciar o tratamento a que essas mulheres eram submetidas.

A reportagem *Inside the madhouse*, publicada pela primeira vez em 16 de outubro de 1887 no jornal *New York World*, de Joseph Pulitzer, e mais tarde transformada no livro *Ten days in a madhouse*, marcou época e é lembrada até hoje. Pouco conhecida no Brasil, Nellie Bly ganhou biografia, filme, uma temporada de uma série com uma personagem inspirada nela e apareceu, até mesmo, em livros infantis. De jornalista, virou celebridade.

O que Bly fez inaugurou um movimento que ficou conhecido como *stunt reporting* ou jornalismo de disfarce, no qual os repórteres se passavam por alguém que não eram, para se infiltrar em locais específicos e escreverem da perspectiva das pessoas que lá

viviam ou trabalhavam. Dessa forma, eles conseguiam adentrar em espaços fechados, sem que sua imagem de jornalista interferisse na realidade.

Esta forma que de fazer jornalismo, parente do sensacionalismo, foi muito exercida por mulheres que, quando conseguiam exercer a profissão de jornalista, eram empurradas para cobrir assuntos relacionados a universo feminino, como moda e maquiagem. Driblando esses temas banais para encarar assuntos mais pujantes, foi dessa forma que repórteres como Bly conseguiram chegar às primeiras páginas dos jornais.

Mas apesar de já ter mais de um século, o papel dessas jornalistas ainda é muito pouco estudado. A História, contada da perspectiva hegemonicamente masculina, durante muito tempo, apagou os feitos de revolucionárias. O resgate dessas repórteres, portanto, ainda é muito recente.

Este é um dos motivos que motivou a escolha do tema desta monografia. Um dos primeiros escritos no Brasil a abordar o *stunt reporting* e o trabalho das *stunt-girls*, como ficaram conhecidas essas repórteres, a ideia é trazer luz para um tema ainda tão pouco estudado no país.

Para tal, foi feita uma análise histórica tomando como estudo de caso a figura de Nellie Bly. A escolha se justifica na medida que, ao mesmo tempo que a reportagem de Bly foi responsável por inaugurar um movimento que não só influenciaria outras mulheres como também mudaria toda a História do Jornalismo, ela também é considerada a repórter mais bem-sucedida e famosa do *stunt*. É referência na área, tendo ganho o respeito não só de repórteres mulheres, mas também de homens, sem ao menos ter tido qualquer educação formal como jornalista.

Além disso, a performance de Bly também fez com que ela se tornasse uma celebridade. Seu nome aparecia nos títulos de suas reportagens e, quando os jornais tinham sua assinatura, as vendas aumentavam significativamente. Ela também foi a primeira mulher a ser correspondente de guerra, cobrindo a Primeira Guerra Mundial, diretamente de Viena, onde morreu de pneumonia, em 1922.

Estudiosas da área como a historiadora Jean Marie Lutes e a autora de sua única biografia, publicada apenas em 1994, Brooke Kroeger, acreditam que, ao emprestar seu próprio corpo, ela mostra como seria fácil performar um comportamento supostamente feminino como a histeria. Conforme será visto ao longo da análise, a própria jornalista se

surpreende com a facilidade com que todos os médicos a consideraram insana, usando como provas as justificativas mais esdrúxulas possíveis, como a cor da língua.

Como se não bastasse, ao passar por todos e esses médicos e se infiltrar na Ilha de Blackwell, Bly derruba os argumentos construídos por médicos homens para justificar a insanidade de uma mulher, na medida em que, quando sai do manicômio e sua reportagem aparece no jornal, prova publicamente em perfeito estado de sanidade mental.

A partir da vida e obra de Nellie Bly, este trabalho tem como objetivo analisar a performance da jornalista em três instâncias:

Primeiro, se o jornalismo que ela exerce pode ser considerado investigativo, na medida que ele é redigido em primeira pessoa e, portanto, atravessado pela subjetividade. Segundo, como a performance da histeria realizada por ela Bly justificou seu sucesso ao mesmo tempo que, conforme afirmado acima, contradiz argumentos idealizados por homens. Terceiro, como funcionou o processo que a levou a se tornar uma celebridade, analisando em qual tipo de celebridade sua figura se encaixaria da perspectiva do teórico da área Chris Rojek. Como sua aparência foi fundamental, e como ela conseguiu promover, ao mesmo tempo, capital solidário e identificação com a sua imagem,

Para isso, no entanto, será preciso fazer um recorte histórico do momento, introduzido pelas consequências da Primeira Onda do feminismo e do surgimento do sensacionalismo. Para esta análise, serão utilizados estudiosos importantes da área como a historiadora Telma Gurgel, o jornalista e também pesquisador Frank Luther Mott, além de teóricos fundamentais nos estudos sobre a História do Jornalismo no Brasil, como Marialva Barbosa e Nelson Traquina.

Também será feita uma análise desse momento da carreira de Bly em si, além de outras partes importantes da biografia da repórter estudada, fundamentais para compreender o estilo e o trabalho que realizava.

2. A INSERÇÃO DA MULHER NA IMPRENSA NO FINAL DO SÉCULO XIX

É muito difícil chegar a conclusão de qual foi a primeira mulher jornalista. A história do jornalismo é contada hegemonicamente da perspectiva masculina, levando em consideração prioritariamente o trabalho feito por homens. Quase como se mulheres não tivessem participado, ainda que em menor escala, devido às condições em que eram submetidas no passado. O resgate dessa narrativa por parte do feminino ainda é muito recente, como será visto ao longo deste trabalho.

A pesquisadora Telma Gurgel, no artigo *Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade* afirma que foi na Revolução Francesa que as mulheres se apresentaram pela primeira vez como sujeito político (GURGEL, 2010, p.2). Em 1791, Marie Gouze (1748-1793), que adotou o nome de Olympe de Gouges apresentou à Assembleia Nacional da França a Declaração de direitos da mulher e da cidadã, na qual propunha tratamento igual para mulheres e homens cidadãos.

Nesse momento, as mulheres ainda eram vistas como seres apolíticos que não interferiam, não produziam e não acrescentavam a esfera pública. O trabalho doméstico a que lhes era atribuído, que não gerava mais-valia para o grande capital, não era considerado um trabalho, de forma que não eram consideradas cidadãs e, portanto, não deveriam ter os mesmos direitos que os homens.

Segundo Gurgel, até o metade do século XIX, a luta das mulheres tinha como temas centrais a igualdade, com pautas como reivindicações pela educação, ao trabalho, a igualdade salarial e direitos políticos (Ibidem). É dentro desse contexto que se cria o ambiente ideal para o nascimento da luta sufragista. De acordo com a pesquisadora Ana Paula Bandeira no artigo *Jornalismo Feminino e Jornalismo Feminista: Aproximações e Distanciamentos, na imprensa*

Os registros da participação feminina começaram a aparecer quando a própria mulher passou a escrever em revistas e periódicos dirigidos ao público feminino. Até então, muito pouco se encontrava, dentre o material histórico oficial, sobre o envolvimento das mulheres em movimentos sociais, como as lutas pela reforma agrária, pelo direito à moradia, pela incorporação dos direitos das trabalhadoras rurais e domésticas à legislação trabalhista. (BANDEIRA, 2015, p. 5)

Nos Estados Unidos, Elizabeth Stanton (1815-1902) tomou uma atitude parecida a de Olympe em 1848, ao apresentar a Declaração de Seneca Falls na Convenção de Seneca Falls, que reuniu cerca de 300 homens e mulheres, responsável por dar início ao movimento sufragista no país.

No entanto, o sufrágio só foi aceito em todo território norte-americano em 1920. Ele também marcou a entrada da mulher no mercado de trabalho, contexto este que, em uma sociedade que clama por uma mulher letrada, surge a necessidade de mãos femininas também redigindo a imprensa voltada para esse público.

Uma das primeiras revistas voltadas para mulheres, *Godey's Lady's Book*, tinha como editor Louis A. Godey, mas como coeditora Sara Josepha Hale, de 1836 e 1877. Cornelia Walter edita o *Boston Transcript* de 1842 a 1847. Margaret Fuller escreve no *New York Herald Tribune*, de Horace Greeley, de 1844 a 1847, conforme lembra o jornalista e historiador Frank Luther Mott no clássico *American journalism: a history of newspapers in the United States through 260 years: 1690 to 1950* (MOTT, 1962, p. 312).

Já no Brasil, para a pesquisadora Constância Lima Duarte, a luta feminista e a presença das mulheres na imprensa são uma consequência da outra. No seu livro *Imprensa feminista e feminina no Brasil: Século XIX*, ela dá uma explicação que, apesar de ser voltada para o território brasileiro, resume bem o que também aconteceu na Europa e nos Estados Unidos:

A constatação de que a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, contribuiu para ampliar a investigação. Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura, que por sua vez às levou à escrita e à crítica. E independente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm. Mais do que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência. (DUARTE, 2016, p. 4)

Apesar das associações entre o sufrágio e a presença da mulher na imprensa serem essenciais para compreender como um movimento está perfeitamente associado ao outro, é preciso diferenciar imprensa feminina de imprensa feminista.

Enquanto a imprensa feminista se voltou para questões sociais que clamavam por direitos iguais para as mulheres, a imprensa feminina já existia muito antes do sufrágio, diferenciação esta que Bandeira faz em seu trabalho. O primeiro registro de um jornal impresso voltado para mulheres é o *Lady's Mercury*, da Inglaterra, que nasce no ano de 1693 (BANDEIRA, 2015, p. 3), e que, por exemplo, apresenta temas femininos. Mas essa imprensa, que vem a se voltar para assuntos como moda, maquiagem e tarefas domésticas, acaba estratificando muito mais o lugar da mulher imposto pelo regime capitalista.

Entender o surgimento destes dois tipos de imprensa associados a luta feminista é fundamental para a compreensão de que, o jornalismo performático exercido majoritariamente pelas mulheres que surge nos Estados Unidos no século XIX, não está associado nem a um tipo nem ao outro - ainda que as *stunt girls*, como ficaram conhecidas as mulheres que exerciam tal prática, também lutassem pelos direitos das mulheres. Ele figurava apenas como jornalismo, e não categorizado como feminino ou feminista, ocupando as principais páginas dos principais jornais da época e sendo uma parte essencial na história do jornalismo, principalmente nos Estados Unidos, no que se entende como imprensa sensacionalista.

Em *Front-Page Girls: Women Journalists in American Culture and Fiction, 1880–1930*, da pesquisadora Jean Marie Luttes, como o próprio nome do livro diz, ela explica que é essa performance, o *stunt*, que tira as mulheres de partes dos jornais como comportamento para colocá-las nas primeiras páginas. “Elas foram as primeiras mulheres do jornalismo a se moverem, como um grupo das páginas femininas para a primeira página, das notícias da sociedade para notícias políticas e criminais” (LUTES, 2006, p. 14, tradução da autora).¹ E é segundo ela ue a repórter Nellie Bly, aqui estudada neste trabalho, inaugura esse movimento, com a reportagem *Ten days in a mad house*.

¹ Texto original: *they were the first newspaperwomen to move, as a group, from the the women's pages to the front page, from society news into political and criminal news.*

2.1 As mulheres no jornalismo amarelo: as *stunt girls*

É depois da Guerra Civil americana (1861-1865) que as mulheres passaram a de fato ocupar um espaço, ainda que minimamente significativo, dentro das redações.

O período é extremamente significativo para o jornalismo, principalmente nos Estados Unidos. É quando os jornais começam a se dissociar da propaganda político-partidária, adquirindo como principal característica o que chamamos hoje de imprensa livre, e a ter um preço mais acessível. Esse novo jornalismo, conhecido como *penny press*, se refere ao custo do jornal, que antes custava *six penny*, vendido apenas através de assinaturas anuais. Pela primeira vez, a imprensa estava a serviço do povo, e não dos políticos.

surgiu um novo jornalismo que privilegia informação e não propaganda, distinção que era vista como pressupondo um novo conceito de notícia onde existiria a separação entre fatos e opiniões. É precisamente esta ideia que a chamada penny press dinamizou, efetuando assim a mudança de um jornalismo de opinião para um jornalismo de informação. (TRAQUINA, 2005, p. 51)

Os editores dos novos jornais que começavam a surgir, portanto, tinham que pensar em como a vender a realidade e os acontecimentos. Para todos, a notícia era a mesma. Entrava em questão a forma como se dava a notícia, o que definiria quem se sairia melhor nas bancas. É nesse contexto em que nasce o sensacionalismo, força motriz da *penny press*, também apelidado de imprensa marrom devido ao papel barato em que eram impressos os jornais.

No artigo O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional, as pesquisadoras Marialva Barbosa e Ana Lucia Silva Enne explicam que o sensacionalismo recebeu este nome por causa do fluxo de sensações que os jornais tentavam causar no leitor de acordo com a forma como noticiavam o acontecimento.

Esse tipo de jornalismo pode ser caracterizado como de sensações também porque estabelece como central a construção narrativa de mitos, figurações, representações de uma literatura que subsiste há séculos. Uma literatura que falava de crimes violentos, mortes suspeitas, milagres, ou seja, de tudo o que fugia à ordem instaurando um modelo de anormalidade. Mas uma anormalidade baseada na presunção de uma

normalidade também sensorial. Há, portanto, permanências de um imaginário da longa duração que permitem que os conteúdos dessa mídia reproduzam ainda hoje mitos de um passado imemorial. (BARBOSA; ENNE, 2005, p. 3)

Traquina, em seu Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são, coloca como central para este jornalismo a figura do repórter. Sem ela, não teria surgido a ideia do jornalista como investigador e, conseqüentemente, o jornalismo investigativo. E é na Guerra Civil americana que a presença do jornalista se estabelece com mais força. A entrevista, técnica considerada hoje comum e de praxe, também surge no período. Segundo ele:

No caso da cobertura da Guerra Civil norte-americana (1861-1865) por parte da imprensa, a presença de repórteres tornou a guerra mais acessível. Ao acompanhar as tropas durante a Guerra Civil, os leitores tiveram acesso a notícias de batalhas, do desempenho dos generais, das estratégias militares, da vida nos acampamentos e do comportamento das tropas. E os jornalistas utilizaram novas técnicas no seu trabalho, como a descrição das testemunhas e dos cenários. Os repórteres recorrem cada vez mais à técnica de entrevistar as pessoas na obtenção dos fatos. A técnica da entrevista foi utilizada pela primeira vez por um dos primeiros jornais da nova penny press, The New York Herald, numa reportagem sobre um crime que teve lugar num bordel, com uma entrevista com a proprietária do negócio. Depois da Guerra Civil norte-americana, a utilização da entrevista tornou-se vulgar. Outra técnica nova no trabalho jornalístico, o recurso a fontes múltiplas, tornou-se uma prática estabelecida. (TRAQUINA, 2005, p. 59)

Na mesma época, também surge a organização dos critérios de noticiabilidade na pirâmide invertida e o uso do *lead*, o primeiro parágrafo na notícia onde se colocam os principais acontecimentos do que se está noticiando. Traquina atribui esse condicionamento aos avanços tecnológicos, como uso da máquina fotográfica e do telégrafo. Enquanto a primeira fazia literalmente um retrato da realidade, o segundo exigia que os acontecimentos fossem entregues focando em sua parte principal, de forma sucinta e resumida.

É nesse contexto, do repórter como figura central e essencial, que surgem as *stunt-girls*. Em busca da notícia sensacional, do furo jornalístico e da reportagem investigativa, repórteres mulheres "visitaram tocas de ópio, juntaram-se a trabalhadores

que enrolavam tabaco para cigarros, mendigaram nas ruas usando trapos, buscaram abortos ilegais e desmaiaram nas ruas para serem admitidas em hospitais públicos" (LUTES, 2006, p. 13, tradução da autora)². Essas mulheres assumiam um personagem, performando alguém que não eram elas para assim imergir naquele ambiente completamente disfarçadas e redigirem a notícia.

Para Traquina, o *stunt*, que ele chama de “jornalismo de disfarce”, também surge durante a Guerra Civil.

Não só as peças noticiosas incluíam cada vez mais fontes múltiplas, apresentando uma diversidade de pontos de vista no mesmo artigo, como também os jornalistas demonstraram ainda mais agressividade na obtenção de elementos informativos: a prática dos correspondentes do Norte durante a Guerra Civil norte-americana, de viajar disfarçados no Sul para evitar serem detectados, forneceu um modelo para o "jornalismo de disfarce" que se desenvolveu nos anos de 1880. (TRAQUINA, 2006, p. 59)

Assim como Lutes, ele também coloca a reportagem de Bly como a que inaugura esse gênero jornalístico. “O primeiro artigo deste tipo foi publicado no jornal de Joseph Pulitzer, *New York World*, com o título "Inside the Madhouse", e era uma reportagem sobre um hospício” (Ibidem).

É após Nellie Bly publicar *Ten days in a madhouse* e ficar famosa não apenas por ser a moça bonita que foi parar em um hospício, mas também pela sua reportagem e o impacto que causou na esfera pública, que surgem outras mulheres exercendo esse mesmo tipo de jornalismo:

Winifried Black, do *San Francisco Examiner*, era frequentemente comparada a Bly, enquanto Ada Paterson, do republicano de *St. Louis*, era batizada de "Nellie Bly do Oeste" e Caroline Lockhart, do *Boston Post* - que vestiu um traje de mergulho para ir ao fundo do porto de Boston - foi chamada "a Nellie Bly de Boston". No início da década de 1890, uma americana ambiciosa chamada Elizabeth Banks tornou-se uma das jornalistas mais conhecidas de Londres quando recebeu reportagens do

² Texto original: *Stunt reporters visited opium dens, joined workers who rolled tobacco for cigarettes, went begging on the streets in rags, sought illegal abortions, and fainted on the street to gain admittance to public hospitals.*

outro lado do Atlântico e personificou uma série de trabalhadoras britânicas. (LUTES, 2006, p. 13, tradução da autora)³

De acordo com a pesquisadora, as mulheres conseguiram se sair tão bem nesse tipo de jornalismo porque foi a maneira que encontraram não apenas de tirar a atenção de seus corpos, mas de torná-los parte da notícia e assim os incluí-los dentro da narrativa da cidade. Dessa forma, elas conseguiram se apoderar de si mesmas e da hiperssexualização que o meio as causava.

O que essas mulheres fizeram foi que “se ofereceram como mediadoras entre seus leitores e a cidade, deliberadamente abraçando situações nas quais o corpo feminino provavelmente era visto como suspeito, excedente, fora de controle” (Ibidem, tradução da autora)⁴. Afinal de contas, lugar de mulher não era na redação e, quem dirá, cobrindo cidade.

A popularidade das repórteres do stunt pode até ter inspirado uma reação misógina contra a crescente presença das mulheres na redação. A masculinidade agressiva do repórter obstinado da cidade - muitas vezes citada como prova do status marginal das mulheres - também pode ser lida como uma reação contra uma ameaça percebida por mulheres que começaram a escrever as notícias. Sem dúvida, a figura do repórter viril foi um fator significativo na política explosiva de gênero das notícias da virada do século. Essa dureza masculina, porém, surgiu em desuso com a da jornalista, e a *sunt-girl* ofereceu um contraponto particularmente impetuoso. (Ibidem, p. 14, tradução da autora)⁵.

³ Texto original: *The San Francisco Examiner's Winifried Black was frequently compared to Bly, while the St. Louis Republican's Ada Paterson was christened "the Nellie Bly of the West" and the Boston Post's Caroline Lockhart - who donned a diving suit to go to the bottom of Boston Harbor - was called "the Nellie Bly of Boston". In the early 1890s, an ambitious American named Elizabeth Banks became one of the London's best known journalists when she took stunt reporting across the Atlantic and impersonated a series of British workingwomen.*

⁴ Texto original: *They offered themselves as mediators between their readers and the city, deliberately embracing situations in which the female body was likely to be viewed as suspect, oversexed, out of control.*

⁵ Texto original: *The stunt reporters' popularity may even have inspired a misogynist backlash against women's growing presence in newsrooms. The aggressive masculinity of the dogged city reporter - so often cited as proof of women's marginal status - can also be read as a reaction against a perceived threat from women who had begun to write the news themselves. Undoubtedly the figure of the manly reporter was a significant factor in the explosive gender politics of turn-of-the-century news writing. That gritty masculine figure, however, arose in tandem with that of the newspaperwoman, and the girl stunt reporter offered a particularly brash counterpoint.*

2.2 A entrada de Nellie Bly no *New York World*

Em 1880, dos 12.308 jornalistas norte-americanos empregados em 1880, apenas 288 eram mulheres. Em 1888, Nellie Bly quando se junta ao *New York World* de Joseph Pulitzer, eram 200, apenas na cidade, segundo uma pesquisa realizada pela revista *The Journalist* (QUEIROZ, 2013, p. 51). Mas, segundo sua biógrafa Brooke Kroeger na única biografia sobre Nellie Bly, intitulada *Nellie Bly: daredevil, reporter, feminist*, mesmo com experiências anteriores significativas, Bly ainda levou cerca de quatro meses transitando pela cidade desempregada antes de receber a pauta que a levaria para Ilha de Blackwell, considerada até hoje um dos ápices de sua carreira.

Bly entrou pela primeira vez em uma redação no dia 18 de janeiro de 1885. Descrita pelo editor do *Pittsburg Dispatch*, George Madden, como uma “pequena garota tímida” (KROEGER, 1994, p. 740), ela chegou a sua sala hiperventilando devido aos quatro andares de escada que havia subido, perguntando onde poderia encontrar o editor do jornal.

Ela foi ao escritório convidada pelo próprio editor. No dia anterior o *Dispatch* havia procurado pela autora de um carta em resposta a uma coluna do jornalista Erasmus Wilson, intitulada “A esfera da mulher”. Nela, o autor definia que o lugar das mulheres não é no mundo dos negócios, mas sim no lar, fazendo “de sua casa um pequeno paraíso, onde ela mesma faz o papel do anjo” (Ibidem, p. 690, tradução da autora)⁶.

Publicada no auge da primeira onda do feminismo, quando as mulheres começaram a reivindicar direitos políticos e sociais iguais aos dos homens, a coluna causou furor e respostas tanto concordando quanto discordando completamente.

Bly, que era uma das leitoras fiéis de Wilson, enviou uma carta ao jornal questionando como dentro desta visão conservadora ficaria a situação de mulher pobres que precisam se sustentar sozinhas, mas não conseguem encontrar um emprego que pague o suficiente para isso. A carta chegou às mãos do próprio Madden, que ficou impressionado com a força dos argumentos da autora - apesar dos erros de gramática -, que assinava como “Orfã Solitária” e não deixava nenhum endereço de retorno. No dia seguinte então, 17 de janeiro de 1885, o jornal publicou uma nota pedindo que a “Orfã

⁶ Texto original: *her home a little paradise, herself playing the part of angel*

Solitária” enviasse seu nome real e endereço, afirmando que “como voto de boa-fé, ela poderá discutir assuntos importantes e receber as respostas que deseja”, ao que Bly respondeu no dia seguinte.

Depois do encontro, Bly escreveu dois textos para o jornal, ambos assinando como “Orfã Solitária” - o primeiro uma nova resposta ao “A esfera da mulher” e o segundo sobre divórcio, onde afirmou que o divórcio deveria ser proibido e as leis do casamento reformuladas (KROEGGER, 1994, p. 786), antes de ser contratada pelo *Dispatch* ganhando 5 dólares por texto, não muito mais do que as operárias sobre quem retrataria nas edições de domingo pelos próximos dois meses. É a partir daí que Pink Elizabeth Cochran Seaman passa a assinar como Nellie Bly, nome pelo qual ficou conhecida.

Mas o primeiros textos em que começou assinar como Nellie Bly não tinham o tom crítico em que adotara e chamara a atenção quando seu *byline* era “Orfã Solitária”. Apenas sete meses depois no jornal, quando ganha uma coluna fixa na edição de domingo, que esse tom volta a aparecer. A coluna dura apenas dois meses quando e, por fim, é enviada ao México como correspondente pelo *Dispatch*.

Bly odiava escrever sobre temas considerados tipicamente femininos tais como moda ou a colocação da mulher no papel de mãe-esposa. Ela mesma se descreve como “impaciente demais para trabalhar nas tarefas habituais designadas para mulheres nos jornais” (BLY apud KROEGGER, 1994, p. 995, tradução da autora)⁷. Sua biógrafa diz que

Ela estava determinada a retornar a suas próprias regras. Ao se distinguir em reportagens estrangeiras, pensou ela, ela poderia explodir a mentalidade ossificada de editores que a haviam relegado por nenhuma boa razão para trabalhar com algo que considerava monótono, sem sentido e sem potencial para promoção. (Ibidem, tradução da autora)⁸

No México, encontrou a possibilidade que não via mais na redação de se dissociar de temas tipicamente femininos. Aos 21 anos, embarcou para o país acompanhada de sua mãe. Sua principal ideia era se destacar na cobertura jornalística do México nos mínimos detalhes dos costumes do país, algo que de fato fez.

⁷ Texto original: *too impatient to work along at usual duties assigned women on newspapers*

⁸ Texto original: *She was determined to return on her own terms. Bly distinguishing herself at foreign reporting, she reasoned, she could explode the ossified mindset of editors who had relegated her for no good reason to work she considered dull, meaningless, and without the potential for promotion*

Bly estava atenta aos pequenos detalhes, uma maneira de responder às perguntas dos leitores que eles nem pensariam em perguntar. Ela se esforçou para explicar os meandros das touradas; como as pessoas se comportavam no intervalo do trabalho; como fumar cigarros era o passatempo nacional para ricos e pobres; como as mulheres que fazem tortilha nas ruas sempre "cospem nas mãos para impedir que a massa grude" antes de jogarem seus pães pequenos e chatos em panelas untadas para cozinhar sobre pequenos fogos de carvão. "Os ricos e os pobres os compram", disse Bly, "sem se importar com a maneira como são feitos". (KROEGGER, 1994, p. 1036)⁹

Em maio de 1887, ela retornaria aos Estados Unidos por quase ter sido presa. O motivo foi um artigo em que citava um jornalista que teria sido preso por ter se posicionado contra o governo mexicano.

De volta ao território americano, Bly não poupava críticas em suas reportagens sobre o México à ditadura de Porfírio Díaz, chegando a citar que o governo subsidiava jornalistas para que estes não o criticassem.

Depois, ela passaria a cobrir cultura e a assinar duas colunas sobre: uma sobre os bastidores de peças teatrais, chamada *Footlight Gossip*, e outra sobre pintores e escultores, nominada *Among the artists*. Novamente, o assunto não era de seu agrado, assim como as questões que cercavam o universo feminino da época. Bly passou três meses cobrindo cultura, até que um dia os editores do jornal chegaram na redação e deram de frente com o seguinte bilhete: "Querido Q. O. Estou indo para Nova York. Torçam por mim" (Ibidem, p. 1234).¹⁰

Esta é a Nellie Bly que chega sozinha a Nova York, pedindo emprego para Joseph Pulitzer.

Em Nova York, ela passa por dificuldades financeiras visto que o guardião de sua herança havia gastado quaisquer economias que pudesse vir a ter guardadas. Desempregada, ela chega a trabalhar por alguns meses como *free lancer* para o *Dispatch* a

⁹ Texto original: *Bly had an eye for small detail, a way of answering for readers questions they would not think to ask. She took pains to explain the intricacies of bullfighting; how people behaved at intermission at the theater; how smoking cigarettes was the national pastime for rich and poor alike; how the women tortilla makers on the street always "spit on their hands to keep the dough from sticking" before they threw their little flat breads into greased pans for cooking over small charcoal fires. "Rich and poor buy them", Bly said, "apparently unmindfull of the way they are made".*

¹⁰ Texto original: *Dear Q.O. - I am off for New York. Look out for me.*

distância. Uma de suas reportagens mais famosas e com maior repercussão desse período, inclusive, foi quando entrevistou repórteres importantes da cidade, questionando-os porque havia tão poucas mulheres nas redações, pergunta esta que foi respondida das formas mais absurdas possíveis.

Mas os trabalhos que fazia para o jornal de Pittsburgh, além de não serem o seu objetivo na metrópole, também não eram o suficiente para sustentá-la ali. Chega um momento limite em que a bolsa que guardava todas as suas poucas economias é furtada. Desesperada, Bly pede dinheiro emprestado a locatária do quarto que alugava para pegar um trem até a redação do *New York World*. Lá, ela apresenta ao então editor, Colonel John Cockerill, a proposta de ir até a Europa para escrever sobre o que imigrantes americanos enfrentavam no continente.

Como contraproposta, Bly é convidada para uma pauta local: os editores vinham ouvindo boatos sobre como os pacientes do hospício da Ilha de Blackwell eram mal-tratados e convidam a repórter a fingir ter problemas mentais com o intuito de escrever sobre o que se passava lá dentro.

3. A IMERSÃO EM *TEN DAYS IN A MAD HOUSE*

Pautada pelo *World* no dia 22 de setembro para fazer a reportagem sobre a Ilha de Blackwell, Bly foi instruída a evitar qualquer tipo de opinião e a mostrar apenas a verdade da forma que encontrasse

“Não pedimos que você vá lá com o objetivo de fazer revelações sensacionais. Escreva as coisas como as encontrar, boas ou ruins; elogie ou culpe como achar melhor, e a verdade o tempo todo. Mas tenho medo desse seu sorriso crônico”, disse o editor. “Não vou sorrir mais”, falei, e saí para executar minha missão delicada e, como descobri, difícil. (BLY, 1887, p. 23, tradução da autora)¹¹

De fato, como a própria repórter fala, sua tarefa não foi nada fácil. A primeira parte da sua reportagem, publicada no *World* em 9 de outubro em 1887 sob o título *Behind Asylum Bars*, conta apenas sua preparação para entrar na Ilha de Blackwell. Tendo apenas como garantia de que seria buscada pelos editores do jornal, e usando o pseudônimo de Nellie Brown, Bly passou por diversas instituições, médicos e juizes, todos os quais alegaram sua insanidade.

Para chegar ao seu destino, a Ilha de Blackwell, fingiu ser uma imigrante cubana que havia perdido sua mala. Os primeiros sinais da sua performance de insanidade, inclusive, foram pensados todos ao redor da mala. Bly perguntava constantemente onde estavam suas roupas de baixo¹² perdidas, além de misturar inglês com espanhol.

Sua trajetória começou em uma pensão, onde se preocupou em chegar descabelada, com roupas o mais simples possíveis e apenas 70 centavos. Lá, Bly passou a noite inteira acordada, perguntando pelas suas roupas de baixo até que, no dia seguinte, foi chamado um policial que a levou para a delegacia, onde afirmou que nem ao menos acreditava estar em Nova York.

¹¹ Texto original: *We do not ask you to go there for the purpose of making sensational revelations. Write up things as you find them, good or bad; give praise or blame as you think best, and the truth all the time. But I am afraid of that chronic smile of yours”, said the editor. “I will smile no more”, I said, and I went away to execute my delicate and, as I found out, difficult mission.*

¹² No original, ela usa o termo *trunks*

Na delegacia, após conversar com um juiz que a julgou insana após Nellie pular e correr de um lado para o outro no escritório gritando pelas suas roupas íntimas, ela foi levada de ambulância acompanhada do juiz e a dona da pousada. Pela primeira vez, ela teve sua insanidade diagnosticada por um médico, que examinou sua língua, seu pulso e as batidas do seu coração, além de ter acusado de que suas pupilas estavam muito dilatadas.

É interessante notar que, de fato, Bly se mantém fiel ao que foi pedido pelo seu editor. Ela não poupa o seu texto de elogios à dona da pousada e ao juiz que atravessaram sua trajetória, desejando que todas as mulheres com problemas mentais tivessem pessoas tão gentis atravessando seu caminho. Esse tipo de tratamento seria cada vez menos frequente em sua trajetória a partir de então.

Ela passou por quatro médicos antes de chegar na Ilha de Blackwell, e todos a considerado louca. Nellie conta que pouquíssimas das mulheres com quem conviveu no hospital pareciam realmente loucas. Uma estava ali por uma gripe. Outra por falta de dinheiro para se manter em qualquer outro lugar e outra por ser alemã e simplesmente não conseguir se comunicar. As perguntas que os médicos faziam às pacientes eram sempre as mesmas.

Na segunda parte, publicada em 16 de outubro de 1887 e nominada *Inside the Madhouse*, Bly demonstra especial preocupação com a imigrante alemã. Todas as mulheres que passam por um médico que parece estar mais preocupado em flertar com a enfermeira do que dar atenção às pacientes, mas o seu caso lhe chama muito a atenção por ela estar ali simplesmente por não conseguir se comunicar e ser motivo de chacota entre os ditos especialistas:

Assim, a sra. Louise Schanez foi transferida para o asilo sem chance de se fazer entender. Será que esse descuido pode ser desculpado, pergunto-me, quando é tão fácil conseguir um intérprete? Se o confinamento durasse apenas alguns dias, alguém poderia questionar a necessidade. Mas aqui estava uma mulher levada sem o seu consentimento do mundo livre para um hospício e não havia chance de provar sua sanidade. Provavelmente confinada por toda a vida atrás de grades do hospício, sem sequer ser informada em sua língua o porquê. Compare isso com um criminoso, que tem todas as chances de provar sua inocência. Quem preferiria ser um assassino e se arriscar sua vida por isso a ser declarado louco, sem esperança de escapar? A sra. Schanz implorou em alemão para saber

onde estava e por liberdade. Com a voz quebrada por soluços, ela foi levada sem ser ouvida por nós. (BLY, 1887, p. 534, tradução da autora)¹³

Na Ilha de Blackwell, Bly escreve sobre a forma abusiva com que as internas eram tratadas. Ela critica especialmente a comida ruim, o frio que elas passavam e as agressões físicas, além de serem as pacientes que limpavam todo o lugar. Todas as vezes que reclamava com algum dos funcionários do local, diziam-lhe que ela deveria aceitar tudo que estava recebendo de bom grado, porque era um serviço público e gratuito, uma espécie de caridade do governo para com aquelas mulheres.

Bly se atenta aos pequenos detalhes, que vão desde a não ter acesso a uma escova de cabelo para pentear a sua franja até as toalhas que eram oferecidas as mulheres, sempre as mesmas, independente de elas doenças de pele ou não.

O que, excedendo a tortura, produziria insanidade mais rápido que esse tratamento? Aqui está uma classe de mulheres enviadas para serem curadas. Gostaria que os médicos especialistas que estão me condenando por minha ação, que provou sua capacidade, aceitassem uma mulher perfeitamente sã e saudável, a calassem e a fizessem sentar das 6 da manhã até 8 da noite em bancos retos, não permitissem que ela converse ou se mova durante essas horas, não dêem nada para ela ler e não saiba nada do mundo ou de suas ações, dêem-lhe comida ruim e tratamento duro e vejam quanto tempo levará para fazê-la insana. (Ibidem, p. 739, tradução da autora)¹⁴

Ela chega a ser mudada para uma ala para casos mais brandos quando consegue convencer um médico que não tem problemas mentais, após alguns dias na Ilha. No

¹³ Texto original: *Thus was Mrs. Louise Schanz consigned to the asylum without a chance of making herself understood. Can such carelessness be excused, I wonder, when it is so easy to get an interpreter? If the confinement was but a few days one might question the necessity. But here was a woman taken without her own consent from the free world to an asylum and there given no chance to prove her sanity. Confined most probably for life behind asylum bars, without even being told in her language the why and wherefore. Compare this with a criminal, who is given every chance to prove his innocence. Who would not rather be a murderer and take the chance for life than be declared insane, without hope of escape? Mrs. Schanz begged in German to know where she was, and pleaded for liberty. Her voice broken by sobs, she was led unheard out to us.*

¹⁴ Texto original: *What, exceeding torture, would produce insanity quicker than this treatment? Here is a class of women sent to be cured. I would like the expert physicians who are condemning me for my action, which has proven their ability, to take a perfectly sane and healthy woman, shut her up and make her sit from 6 A.M. until 8 P.M. on straight back benches, do not allow her to talk or moving these hours, give her no reading and let her know nothing of the world or its doings, give her bad food and harsh treatment, and see how long it will take to make her insane.*

entanto, era comum que as pacientes fossem agredidas pelas enfermeiras ao reclamarem com os médicos da forma que eram tratadas por elas.

Nellie Bly passa 10 dias na Ilha, até um advogado do jornal ir buscá-la. Quando, alguns anos depois publica em formato de livro sua reportagem, ela acrescenta um capítulo em que narra seu retorno à Ilha, acompanhada por um júri que recebeu suas denúncias. Ela afirma que o local está muito diferente do que viu durante sua estadia, mas relata ter encontrado algumas de suas companheiras em um estado ainda pior do que quando fora embora, apesar de elas lhe contarem que tudo melhorou muito desde que ela partiu, ou seja, depois que a sua reportagem foi publicada no jornal. Uma das mulheres que chegou com ela relatou ao júri:

Quando a Srta. Brown e eu fomos trazidos para cá, as enfermeiras eram cruéis e a comida era ruim demais para comer. Nós não tínhamos roupas suficientes, e a Srta. Brown pedia mais o tempo todo. Eu pensei que ela era muito gentil, pois quando um médico prometeu a ela algumas roupas, ela disse que daria para mim. É estranho dizer que, desde que Miss Brown foi levada, tudo é diferente. As enfermeiras são muito gentis e temos muito o que vestir. Os médicos nos procuram com frequência e a comida melhorou muito. (BLY, 1887, p. 1037, tradução da autora)¹⁵

Ao final, assim como faz na introdução, ela agradece os US\$ 1.000.000 destinados pela prefeitura da cidade ao tratamento das pessoas com problemas mentais.

Atualmente, o hospício da Ilha de Blackwell não existe mais. No seu lugar, está o bairro residencial de Roosevelt Island, próximo a ilha de Manhattan.

3.1 O jornalista como personagem da própria matéria

Mas afinal, o que Nellie Bly estava fazendo poderia ser caracterizado como jornalismo, e, principalmente, como jornalismo investigativo?

Definir se a imersão de Nellie configura como jornalismo investigativo ou não cria a necessidade de conceituar o que poderia ser caracterizado como jornalismo investigativo

¹⁵ Texto original: *When Miss Brown and I were brought here the nurses were cruel and the food was too bad to eat. We did not have enough clothing, and Miss Brown asked for more all the time. I thought she was very kind, for when a doctor promised her some clothing she said she would give it to me. Strange to say, ever since Miss Brown has been taken away everything is different. The nurses are very kind and we are given plenty to wear. The doctors come to see us often and the food is greatly improved.*

e se sua subjetividade, inserida no corpo da matéria, interfere ou não no processo de investigação.

No verbete sobre Nellie Bly do livro *The Encyclopedia of American Journalism*, organizado pelo professor de História do Jornalismo e da Comunicação de Massa da Universidade de Wiconsin, Stephen L. Vaughn, sua biógrafa, Brooke Kroegger trata os termos investigação e *stunt* como sinônimos. Segundo ela, “o espírito de cruzada e a agenda de bem-estar social em suas inúmeras explorações secretas levaram ao desenvolvimento de relatórios investigativos em larga escala nas décadas que se seguiram” (KROEGGER, 2009, p. 55, tradução da autora)¹⁶.

Ainda no mesmo livro, o conceito de jornalismo investigativo é definido por James Aucoin como

escavar sob a superfície de eventos noticiosos cotidianos para expor funcionários locais corruptos, más escolas, assistência médica precária, crianças exploradas, poluentes ambientais, pessoas inocentes no corredor da morte, políticas comerciais que enganam ou prejudicam os consumidores, leis tributárias injustas e muitas outras questões sociais e governamentais. (AUCOIN, 2009, p. 225, tradução da autora)¹⁷

O autor ainda cita a reportagem de Nellie Bly como uma das primeiras entradas no jornalismo investigativo após a Guerra Civil Americana.

O jornalista e professor da Universidade de Columbia, Michael Shudson também considera que a reportagem de Bly poderia entrar nessa categoria. No entanto, ele questiona se tal imersão poderia ser feita nos dias atuais, além de caracterizá-la como típica da época:

Você poderia fazer isso hoje? Provavelmente não. Enfim, você faria muito mais, um trabalho de contextualizar a questão antes mesmo de tentar uma coisa dessas, e uma pesquisa de pano de fundo. Ela [Nellie Bly] reporta mais sua experiência subjetiva. E isso é coerente com o tipo de trabalho chocante, performático e explosivo que Hearst e Pulitzer

¹⁶ Texto original: *the crusading spirit and social welfare agenda in her scores of undercover exploits led to the development of full-scale investigative reporting in the decades that followed*

¹⁷ Texto original: *digs beneath the surface of everyday news events to expose corrupt local officials, bad schools, poor health care, exploited children, environmental pollutuín, innocent people on death row, business policies that cheat or hamr consumers, unfair tax laws, and many other social and governement problems.*

estavam particularmente interessados em promover (SCHUDSON apud QUEIROZ, 2012, p. 113).

Ou seja: a percepção do que é ou não jornalismo investigativo está muito atrelada ao contexto histórico. A ideia de que a objetividade está relacionada ao uso da terceira pessoa por exemplo, surge apenas do início do século XX (SERELLE, 2009, p. 35). Segundo Lutes, “Com a profissionalização do jornalismo veio um novo compromisso com a objetividade que privilegiava um estilo imparcial de reportagem, o qual estava em desacordo com o *modus operandi* dos jornais sensacionalistas, mais propensos a contratar repórteres do sexo feminino” (LUTES, 2006, p. 4, tradução da autora)¹⁸.

O pesquisador Marcio Serelle no artigo “Jornalismo e guinada subjetiva”, parece concordar com o que afirma Schudson no que diz respeito a cada tipo de jornalismo ser fruto de seu tempo. Para ele, por exemplo, a contemporaneidade vem exigindo um trabalho jornalístico que tenha maior presença da subjetividade do jornalista, na medida em que há casos em que apenas sob a perspectiva de um olhar humano mais próximo que se consegue transmitir sentimentos como força, medo ou choque de um determinado objeto analisado.

Um ponto muito interessante levantado pela biógrafa de Nellie Bly é de que, na maior parte dos fatos dos quais a repórter trata, os leitores têm acesso apenas a sua perspectiva. Queiroz ainda recorda que, para sua tese de mestrado, das 11 reportagens que analisou, apenas uma apresentava documentos além da experiência de Nellie.

É o caso da reportagem publicada em 11 de novembro de 1888, na qual a jornalista tenta desmascarar um médico charlatão que dizia curar os pacientes com o seu magnetismo. “Para obter as informações sobre o médico Ernest De Blanc, Nellie Bly usa jornais de outras cidades como fonte. Ela cita o *Free Press* (Detroit), o *Herald* (Chicago) e o *Times-Democrat* (Nova Orleans)”, conta. (QUEIROZ, 2013, p. 114).

Apesar de esse jornalismo em primeira pessoa não ter sido um movimento tipicamente feminino, no Brasil, ele aparece em figuras importantes como João do Rio e Benjamin Costallat, fazendo assim com que jornalismo e literatura se tornassem um gênero híbrido, em seus respectivos *A alma encantadora das ruas* e *Mistérios do Rio*.

¹⁸ Texto original: *With the professionalization of journalism came a new commitment to objectivity that privileged a detached reporting style which was out of sync with the modus operandi of the sensational journals most likely to hire female reporters.*

No livro *Pena de Aluguel*, a pesquisadora Cristiane Costa considera o folhetim como o lugar em que esse hibridismo acontece, citando como exemplo a reportagem *O subterrâneo do Morro do Castelo* de Lima Barreto, publicada em 1905 no jornal *Correio do Amanhã*, sem assinatura. Apesar de não escrever em primeira pessoa, o autor usa das experiências fictícias para retratar as consequências da derrubada do Morro do Castelo no processo de restauração do Rio de Janeiro feito por Pereira Passos.

O espaço que ocupava o folhetim no jornalismo brasileiro se assemelha muito ao espaço que o trabalho de Bly e de outras *stunt girls* ocupavam no jornalismo norte-americano. Afinal, aqui se fala da subjetividade do jornalista em jogo, da descrição de uma aventura dita como emocionante e de uma narrativa que é publicada não em apenas uma edição, mas em várias, provocando um gancho a cada texto e assim criando uma reportagem seriada.

Híbrido por natureza, o folhetim não seguia um modelo, mas vários: o romance em folhetim, capaz de manter sua integridade literária quando reunido em livro; o mirabolante folhetim folhetinesco, uma obra aberta cujas soluções oscilavam ao gosto do leitor; além do ensaio, da crítica e da crônica. O conceito de folhetim muda de sentido ao longo do tempo e até na obra de um mesmo autor, tornando difícil sua definição em regras rígidas, como, por exemplo, ficção e não ficção. (COSTA, 2011, p. 50)

Essa espécie de narrativa seriada também seria essencial para jornalismo sensacionalista, de forma de que garantia que o leitor sempre compraria a próxima edição do jornal, curioso para saber a continuação daquela história. Sobre isso, Costa prossegue:

Mesmo nobre, o espaço seria pequeno para contar uma história com início, meio e fim. Para manter a fórmula do "continua amanhã", os escritores precisaram mais do que retalhar romances. Foi necessário criar ganchos, suspense, redundâncias para atualizar a memória do leitor distraído ou não deixar os novos confusos, personagens fortes e, mais do que tudo, uma obra aberta capaz de ser encurtada ou espichada, modificada segundo o maior ou menor interesse do público. (Ibidem, p. 51)

Esse tipo de narrativa, no entanto, não foi o suficiente para sustentar os anseios do *new journalism*, que toma o jornalismo americano na década de 1960, conforme afirma

Serelle. Se o sensacionalismo da época de Pulitzer e Hearst se compromete com a imparcialidade e a veracidade, para o novo jornalismo, a subjetividade do autor é incompatível com a objetividade proposta pelo movimento.

Para Lutes, no entanto, esse tipo de jornalismo, nunca morreu. Segundo ela, “Muito depois da assinatura de Nellie Bly ter perdido a força, mulheres jornalistas continuaram a se identificar com a reportagem *stunt*, que nunca saiu completamente de moda” (LUTES, 2006, p. 14, tradução da autora)¹⁹.

Esse tipo de trabalho se prova em reportagens famosas, como por exemplo quando a jornalista Gloria Steinem, reconhecida como um ícone feminista, fingiu ser uma Coelhinha da Playboy para reportar o que se passava com as mulheres que trabalhavam no clube de Hugh Hefner. Publicada em 1963 na revista *Show Magazine*, a reportagem fez com que parasse de ser feito o exame médico nas candidatas à Coelhinha. Para escrevê-la, assim como Nellie, Gloria adotou uma identidade falsa, se passando por Marie Ochs.

Poderia este tipo de trabalho ser considerado uma espécie de jornalismo cidadão, isto é, que através de denúncias busca suprir espaços deixados que caberia a instituições como o Estado e a justiça (MORETZSOHN, 2002, p. 3)? Lutes coloca o trabalho de Bly como participativo:

Embora os repórteres do sexo masculino utilizassem ocasionalmente o *stunt* [...], eles não eram definidos por esses stunts da maneira como as repórteres do sexo feminino o eram. Para os homens, o jornalismo participativo era uma escolha; para as mulheres, era um dos poucos caminhos para sair das páginas de mulheres (LUTES, 2006, p. 2, tradução da autora)²⁰.

Os termos podem se confundir. Sobre isso, os pesquisadores André Holanda, Claudia Quadros, Jan Silva e Marcos Palacios, no artigo Metodologias de pesquisa em jornalismo participativo no Brasil, explicam que

é necessário assinalar que nem sempre os sinônimos empregados (jornalismo cívico, jornalismo público, jornalismo de fonte aberta,

¹⁹ Texto original: *Long after Nellie Bly's byline lost punch, women journalists continued to be identified with stunt reporting, which never went entirely out of fashion*

²⁰ Texto original: *Although newsmen occasionally staged stunts [...] they were not defined by those stunts in the way newspaperwomen were. For men, participatory journalism was a choice; for women, it was one of the few ways to break out of the women's pages*

jornalismo comunitário e jornalismo cidadão) para jornalismo participativo são apropriados ou equivalentes. [...] O jornalismo participativo é criado por comunidades organizadas em rede a partir de interesses em comum. Para os seus membros, o importante é a conversa, a colaboração e a igualdade colocando-se acima de considerações de lucro (HOLANDA et al., 2008, p. 2).

É inevitável não lembrar do famoso jornalista brasileiro Tim Lopes quando se fala em performance e nessa espécie de jornalismo, que remonta primeiras tentativas jornalísticas como as de Bly.

Mas pensar no contemporâneo, no entanto, implica em outras questões. Em O caso Tim Lopes: o mito da “mídia cidadã”, Sylvia Moretzsohn afirma que “a discussão sobre os limites do jornalismo relaciona-se à discussão sobre os métodos e é certamente a mais complicada” (MORETZON, 2002, p. 2). Ela coloca em questão algo que, tanto Bly quanto Gloria, em poucos, momentos de suas obras parecem temer, estando sempre muito mais preocupadas em serem descobertas do que com elas mesmas: a segurança do jornalista em prol de um *voeyurismo*.

As aventuras dos repórteres do *stunt* levam essa estrutura um passo adiante; em vez de empregar uma voz narrativa de terceira pessoa para rastrear a queda de moradores da cidade que não vêem a cidade, sua estratégia autoral coloca seus próprios corpos em risco. Eles mesmos enfrentam a corrupção, resistem a ela e mantêm a integridade física e psicológica. Suas narrativas em primeira pessoa, portanto, atendem ao desejo do público de leitura urbana de reconstruir um senso de coerência e comunidade em um mundo cada vez mais fragmentado. Eles literalmente chamam seus corpos a serviço da realidade pública, transformando o terreno urbano ameaçador em paisagem gerenciável, inserindo-se nele. (LUTES, 2006, p. 36, tradução da autora)²¹

De fim trágico, a história de Tim Lopes, assassinado por traficantes da Favela do Cruzeiro, no Rio de Janeiro, enquanto fazia uma reportagem abuso de menores e tráfico de drogas em bailes funk, usando o método da “câmera escondida”, levanta questões como até

²¹ Texto original: *The stunt reporters' adventures take this structure a step further; instead of employing a third-person narrative voice to trace the downfall on unsuspecting city-dwellers, their authorial strategy puts their own bodies at risk. They confront the corruption themselves, resist it, and maintain both physical and pshychological integrity. Their first-person narratvies thus minister to the desire of the urban reading public to reconstruct a sense of coherence and community in an increasingly fragmented world. They literally call their bodies into the service of public reality, transforming threatening urban terrain into manageable landscape by inserting themselves into it.*

que ponto vale um jornalista se arriscar em prol da notícia. Moretzsohn, sem seu artigo, questiona justamente as políticas da Rede Globo frente ao risco em que estava pondo seu repórter. E o que não poderia ter acontecido com essas mulheres em tal situação?

De acordo com Aucoin e Schudson, esse jornalismo performático é sim considerado uma espécie de jornalismo investigativo. Talvez a questão, portanto, seja não analisar se ele é ou não, mas se ele poderia funcionar na contemporaneidade, dados todos os riscos a que expõe os repórteres.

Poderia Bly ter sido enviada a um manicômio por Pulitzer tendo apenas como garantia de que, se usasse o nome de Nellie Brown, os seus editores dariam um jeito de tirá-la de lá? Quais os problemas Steinem não poderia ter tido, ao se infiltrar em uma empresa privada utilizando uma identidade falsa?

São questões como essas que Schudson levanta, ao afirmar que o estilo de reportagem de Bly é fruto do seu tempo. Essa afirmação, no entanto, não faz com que ela perca seu valor ou deixe de acrescentar a História do Jornalismo, quem dirá ser esquecida e desvalorizada. É sob essa perspectiva, portanto, que o *stunt* deve ser analisado.

3.2 Nellie Bly e a performance da histérica

Assim, como Tim Lopes e Gloria Steinem conseguiam se misturar aos personagens de suas reportagens, a performance de Bly como uma pessoa com problemas mentais foi tão bem sucedida justamente por expressar o que se espera de um arquétipo feminino. Foi através do *stunt*, portanto, que Nellie Bly e tantas outras repórteres da época puderam verdadeiramente se impor como mulheres jornalistas.

A reportagem de Bly exultava as especificidades concretas da experiência individual e desprezava a relativa abstração da observação desinteressada. Ao adotar a hiper-mulher histérica, o corpo hiper-expressivo, ela criava a sua própria história e reclamava o direito de a contar à sua maneira. Além disso, ao fingir insanidade, podia exhibir as próprias características então usadas para barrar a entrada às mulheres nas redações: a sua feminilidade, a sua expressividade emocional; a sua vulnerabilidade física – e mesmo sexual. (LUTES, 2006, p.12, tradução da autora)²²

²²Texto original: *Bly's reportage exulted in the concrete specifics of one individual's experience and scorned the relative abstraction of disinterested observation. By adopting the hysteric's hyper-female, hyper-expressive body, she created her own story and claimed the right to tell it in her own way. Moreover,*

Para entender a definição oferecida por Lutes, é preciso conceituar os termos performance e histeria, para os quais serão usadas especificamente as definições de Judith Butler e da teoria psicanalítica freudiana.

A psicanalista Maria Rita Kehl, em “Deslocamentos da feminilidade”, entende que a histeria freudiana do final do século XIX foi a forma que as mulheres encontraram de se “salvarem”, devido ao momento histórico, que contrapõe os ideais burgueses da feminilidade "em profundo desacordo com as recentes aspirações de algumas dessas mulheres enquanto sujeitos" (KEHL, 2007, p. 175). De acordo com ela, foi Freud o primeiro a perceber as inquietações dessas mulheres e sua recusa em aceitar o ideal da feminilidade, manifestado no que ele entendeu como histeria.

Em uma época que Freud ainda não havia iniciado seus estudos sobre a sexualidade humana, tanto ele quanto o também psicanalista austríaco Josef Breuer entendem que o que era considerado histeria poderia provir do que eles acreditavam ser um intelecto poderoso e alta atividade mental, algo que Breuer afirma em relação a uma de suas pacientes mais famosas, Anna O.

Também psicanalista, Breuer, escreveu junto com Freud o clássico Estudos sobre a histeria, baseado na análise de casos clínicos em que ambos os médicos foram responsáveis. Apesar de ser autor apenas do capítulo que fala de Anna O, Breuer também faz considerações importantes para os primeiros estudos psicanalíticos sobre histeria,.

No único capítulo escrito em conjunto, os autores conceituam histeria como o processo de dissociação da consciência decorrente de um trauma, conforme afirma o psicanalista Fabiano Chagas Rabêlo no artigo Sobre o legado de Breuer e Anna O.

As histéricas de Freud eram mulheres que vinham de famílias de classe média alta e com acesso a educação - ainda que limitada a uma mulher. Nellie Bly veio de uma família muito simples.

Aos 6 anos de idade ela perdeu o pai, o juiz Michael Cochran, que teve sua herança igualmente dividida entre todos os seus 14 filhos - nove destes do primeiro casamento. Com a mãe de Nellie, que era a sua segunda esposa, ficaram “o mobiliário da casa, uma

impersonating insanity allowed her to flaunt the very characteristics that were being used as an excuse to bar women from city newsrooms: her femaleness, her emotional expressiveness, her physical – even her explicit sexual vulnerability.

carroça com cavalo, uma vaca e um dos cachorros, além de uma pequena quantia em dinheiro” (QUEIROZ, 2013, p. 66).

Também é válido ressaltar que Bly era a 13ª filha desses 14 irmãos. Freud leva em consideração que as histéricas, via de regra, tinham uma relação de proximidade com seus pais. Ele também entende como sintoma da histeria a manifestação de um ideal de masculinidade nessas mulheres, manifestado em Bly através de um trabalho que teria sido realizado por um homem.

Kehl entende que foi devido a Freud não ter encontrado uma cura para a histeria que fez com que o discurso psicanalítico pós-freudiano entendesse histeria e feminilidade como sinônimos, o que assim explica o sucesso feminino no *stunt* e, principalmente, a empreitada de Bly na Ilha de Blackwell.

No entanto, é provável que a experiência de vida de Nellie tenha influenciado na sua forma de enxergar o mundo e, principalmente, nas pautas exploradas em suas reportagens. Após a morte de seu pai, a mãe de Nellie, Mary Jane Kennedy Cummings Cochran Ford, se casou com John Jackson Ford, com quem manteve um relacionamento conturbado, incluindo agressões públicas e ameaça a mão armada, de 1873 a 1878. Mary Jane pediu o divórcio em 14 de outubro de 1878, tornando-se alvo de fofocas em Apollo, na Pensilvânia, onde moravam na época. Este foi um dos apenas 15 divórcios que ocorreram naquele ano na cidade de 40 mil habitantes. Na ocasião, Nellie tinha apenas 14 anos.

Aos 16, ela se mudou com a mãe e os quatro irmãos para a industrial Pittsburgh, segunda maior cidade da Pensilvânia, com aproximadamente 60 mil habitantes, onde ficaria até sair do *Pittsburgh Dispatch*.

A própria biografia de Nellie, portanto - o fato de ter visto a mãe ser agredida, ter tido um contato muito próximo com os trabalhos das fábricas e com a pobreza -, registra o quão importante foram suas vivências, principalmente como mulher, para o que viriam a ser suas reportagens. Em *Eighty days: Nellie Bly and Elizabeth Bisland's history-making race around the world*, o autor Matthew Goodman afirma: “Com apenas 14 anos de idade, ela tinha aprendido tudo o que precisava saber sobre o que poderia acontecer a uma mulher

que não fosse independente financeiramente” (GOODMAN, 2013, p 304, tradução da autora)²³.

Em as mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: contributos para uma não-ossificação da História do jornalismo, a pesquisadora portuguesa Maria João Silveirinha também entende que corpo e sexo foram fundamentais para a determinação desse lugar da mulher na imprensa. Sobre a definição de corpo e sexo, no clássico “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, a filósofa Judith Butler levanta as seguintes questões:

O que circunscreve esse lugar como "o corpo feminino"? É "o corpo" ou "o corpo sexuado" a base sólida sobre a qual operam o gênero e os sistemas de sexualidade compulsória? Ou será que "o corpo" em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e constituído pelos marcadores sexuais? (BUTLER, 2003, p. 185)

Para Silveirinha, é através da apropriação da aparente fragilidade e das limitações políticas socialmente impostas que as *stunt girls* conquistaram o seu lugar. “A ideia de inadequação física das mulheres para o jornalismo não as impediu, no entanto, de se tornarem jornalistas e as experiências singulares das primeiras mulheres “vencedoras” nem sempre apresentam a narrativa da exclusão” (SILVEIRINHA, 2012, p. 173).

Para Lutes, o que torna o trabalho de Bly tão fascinante, é como ela explora esse lugar, que se localiza entre o que chama de “soft news” e “hard news”. Ao mesmo tempo que coloca o seu corpo no centro da notícia e usando tudo o que poderia fazer com que fosse considerada uma histérica, ela consegue retirar a atenção dele: “Sua atuação como paciente opera em vários níveis: enquanto ela se torna objeto da consulta médica e de outras reportagens de jornalistas, ela também afirma seu papel como principal contadora de histórias, narrando o processo de sua própria objetificação” (LUTES, 2006, p. 15, tradução da autora)²⁴.

²³Texto original: *At only fourteen years of age, she had learned all she needed to know about what could befall a woman who was not financially independent.*

²⁴ Texto original: *Her performance as a mental patient operates on several levels: while she becomes the object of both medical scrutiny and other journalists's reports, she also asserts her role as primary storyteller by narrating the process of her own objetification*

Ao se apropriar do seu corpo feminino e da sua performance, ela também perverte o significado da feminilidade enxergado como histeria do ponto de vista masculino. Afinal, ela passa por quatro médicos, todos homens, que a identificam como histérica, ainda que ela esteja apenas fingindo. Histeria essa, é importante ressaltar, idealizada, significada e inventada por homens.

Ela entrava em território estabelecidamente e geralmente controlado predominantemente por médicos, no qual a sexualidade feminina era exposta, desmascarada e interpretada pelos homens. Ao virar a mesa e desmascarar os especialistas homens, Bly se posicionou como intérprete de uma das zonas mais ameaçadoras da cidade: o hospício. (LUTES, 2006, p. 16, tradução da autora)²⁵

3.3 O que fez de Nellie Bly uma celebridade de sua época

De acordo com Chris Rojek, as celebridades podem ser divididas em três tipos: conferida, adquirida e atribuída. Enquanto a conferida está relacionada a linhagem - por exemplo, um membro da família real ou um filho de alguém famoso -, a adquirida deriva como resultado das realizações do próprio indivíduo. Já sobre a atribuída, o autor ressalta:

a celebridade adquirida não é exclusivamente uma questão de talento ou habilidade especial. Em alguns casos, ela resulta da concentrada representação de um indivíduo como digno de nota ou excepcional por intermediários culturais. Quando é assim, é celebridade atribuída (ROJEK apud SIMÕES, 2013, p. 109).

Bly se enquadraria não só na adquirida, na medida que o seu status de celebridade se dá devido a seus próprios feitos, mas também na atribuída. O próprio autor faz uma ressalva de que a linha entre essas divisões é muito tênue, na medida que as fronteiras podem, muitas vezes, se atravessarem, como acontece no caso da repórter aqui estudada.

Também é importante ressaltar que a repórter já era famosa na cidade de Nova York antes mesmo da sua reportagem ser publicada. Não por causa dos seus trabalhos

²⁵ Texto original: *She entered territory usually controlled by the preeminently male medical establishment, in which female sexuality was exposed, unmasked, and interpreted by men. By turning the tables and unmasking the male experts themselves, Bly positioned herself as an authoritative interpreter of one of the most threatening zones of the city: the asylum.*

anteriores. Quando ela aparece no pensionato se fingindo de louca, a imprensa local já começa a procurá-la, querendo saber quem é a jovem bonita, maluca e que se diz estrangeira. Ela, por outro lado, tem medo de ser reconhecida e descoberta por um de seus colegas de profissão. Para o jornalismo Bly já era um personagem curioso da cidade a ponto de aparecer nos jornais, antes mesmo de ter sua identidade e feitos revelados. A sua aparência já foi o suficiente para torná-la famosa e, sem dúvida, também dar fama mais tarde a seu trabalho, quando finalmente o público descobre quem era a bela mulher misteriosa levada para a Ilha de Blackwell.

No livro *As estrelas - mito e sedução no cinema*, o filósofo francês Edgar Morin ressalta a importância da aparência para uma atriz. A beleza, para ele, sem sombra de dúvida, está atrelada ao estrelato. Sobre as atrizes hollywoodianas, Morin diz:

A estrela não é idealizada apenas em função do papel: ela já é, pelo menos potencialmente, idealmente bela. Não é somente glorificada por sua personagem, ela também a glorifica. Os dois suportes míticos, o herói imaginário e a beleza da atriz, se interpenetram e se conjugam. (MORIN, 1989, p. 27)

Lutes também faz um recorte racial no que diz respeito a empreitada de Bly. Afinal, era uma mulher americana, com um rosto tipicamente americano se passando por uma imigrante cubana. Teria ela chamado tanto a atenção se de fato tivesse a aparência de uma imigrante?

Segundo a autora, “uma leitura crítica revela uma estratégia que transformou seu próprio corpo branco de classe média em um veículo de publicidade que denunciou sua busca pelo "real" na experiência corporal” (LUTES, 2006, p. 15, tradução da autora)²⁶.

O historiador inglês Daniel Boorstin, um dos primeiros a definir o conceito de celebridade, diz: “a celebridade é uma pessoa conhecida por ser conhecida [...] O herói distingue-se pelos seus feitos, ao passo que a celebridade foi criada pelos *media*” (HOLLANDER apud BOORSTIN, 1961, p. 57 - 61).

Segundo Lutes, a figura de Bly após *Ten days in a madhouse* se torna tão importante ao ponto de suas reportagens seguintes virem sempre com seu nome no título "*The girl who make bokes: Nellie Bly tells how it feels to be a white slave*", "*Nellie Bly as a*

²⁶ Texto original: *A critical reading reveals a strategy that transformed her own white, middle-class body into a vehicle of publicity that anchored her pursuit of 'the real' in corporeal experience.*

mesmerist", "Visiting the dispensaries: Nelly (sic) Bly Narrowly Escapes Having Her Tonsils Aputated", "Trying to Be a Servant: Nellie Bly's Strange Experience", entre outras -, como se fosse uma personagem, uma verdadeira heroína de sua época que surfava nas ondas dos primeiros passos das lutas pelos direitos das mulheres. Pode-se compreender, portanto, que a sua subjetividade como repórter acabava ganhando mais destaque do que suas próprias reportagens em si, na medida de que também era de interesse do público acompanhar o seu ponto de vista sobre determinado assunto.

O historiador Frank Luther Mott também a considera uma das mais “espetaculares” repórteres do *stunt* e um dos seis²⁷ principais motivos que fizeram com que o *New York World* tomasse a grandiosidade e importância na história do jornalismo, principalmente nesse primeiro momento de ascensão do sensacionalismo.

Em *Vida*, o filme, Neil Gabler ressalta como a exposição da vida privada é importante para a construção e celebração da figura da celebridade. No caso de atores, por exemplo, muitas vezes eles são mais celebrados na mídia pelos elementos do seu cotidiano do que pelo seu próprio trabalho.

As celebridades não eram conhecidas apenas por sua notoriedade, as celebridades eram entretenimento independente, conceito inteiramente novo, uma forma de entretenimento que rapidamente superava o cinema e a televisão em popularidade. Toda celebridade pertencia a uma classe de pessoas que funcionava para captar e manter a atenção pública, não importando o que tivesse feito, se é que fazia alguma coisa. O público não parecia importar-se de verdade com isso. A presença da estrela, o ter-se dignado a descer ao mundo, era suficiente. (GABLER, 1999, p. 142)

No caso de Bly, a sua vida era o seu trabalho. Sua figura consegue reunir os dois elementos, a ponto de fazer com que ela seja um personagem da vida real enfrentando situações sensacionais, que parecem ficção. Também é importante ressaltar que, quando fala disso, Gabler se refere a forma como os jornais começavam a cobrir a vida das celebridades. Quando pensamos em Nellie, no entanto, ela era a própria repórter cobrindo a própria vida.

Esse tipo de exposição fica clara em diversos momentos da sua carreira. No entanto, o auge da sua figura como celebridade fica muito óbvio em uma série de

²⁷ Mott coloca como outros motivos as políticas de publicação, os editoriais, o tamanho, as ilustrações e as promoções que o jornal oferecia através de cupons

reportagens em que se dispôs a dar a volta ao mundo em menos de 80 dias, uma espécie de desafio ao feito do personagem Phileas Fogg de Júlio Verne no romance *A volta ao mundo em 80 dias*, a que Mott considera sua performance mais espetacular (MOTT, 1962, p. 437). Durante o período de sua viagem - que durou 72 dias, 6 horas, 11 minutos e 14 segundos -, o *World* fez um concurso de palpites, desafiando os leitores a adivinharem em quantos dias Bly faria a viagem. O prêmio para o ganhador era uma viagem para a Europa. Segundo Mott, ela foi recebida em todos os lugares com bandeiras, músicas, gritos e fogos. Além disso, apenas no dia do seu retorno, foram vendidos 280.340 exemplares do jornal (QUEIROZ, 2013, p. 78)

Em uma competição com ela estava a repórter Elizabeth Bisland da *Cosmopolitan*, partindo também de Nova York, mas em direção oposta, oito horas depois do editor da revista, John Brisben Walker, ver a viagem de Bly na capa do *World*. Essa competição é narrada no já citado *Eighty days: Nellie Bly and Elizabeth Bisland's history-making race around the world*, de Matthew Goodman.

A corrida foi tão marcante para o jornalismo americano que, em 1936, quase cem anos depois, a jornalista Dorothy Kilgallen, considerada a “nova” Nellie Bly, do *New York Journal* o repetiria em uma espécie de corrida com os repórteres Leo Kierman, do *New York Times* e H. R. Elkins do *New York World - Telegram*. O ganhador foi Elkins, que levou 18 dias, 14 horas e 56 minutos.

Apenas o fato de existir o termo “nova Nellie Bly”, usado por Luther (Ibidem, p. 313) já diz muito sobre o impacto da performance da jornalista.

Após o seu retorno, Bly também “virou garota propaganda em anúncios de produtos que iam de remédios a chapéus, ministrou palestras e um jogo de tabuleiro inspirado em sua volta ao mundo foi colocado no mercado” (QUEIROZ, 2013, p. 79). Ela também ofereceu 100 fotografias suas para serem vendidas, cada uma a cinco dólares, com o intuito de contribuir com a construção *Washington Memorial Arch*, na Quinta Avenida. Segundo Goodman, no período que trabalhou no *World*, ela chegava a receber 200 cartas por semana de leitores, de onde também saiam parte de suas pautas.

Mas, na medida em que Bly se tornou uma celebridade, assim como a maior parte das mulheres de sua época, historicamente falando, não foi considerada relevante para o desenvolvimento da sua profissão.

Os livros de História do Jornalismo nos Estados Unidos nem sequer a mencionavam. Só agora, em uma nova era em que as mulheres representam 60% dos estudantes de jornalismo, ela está sendo discutida nas salas de aula da faculdade. Repórteres como Nellie Bly foram uma das precursoras do jornalismo amarelo, uma das novas idéias que os editores trouxeram para aumentar a circulação. Às vezes eram respeitados e às vezes bem pagos, mas isso não significava que as mulheres estivessem sendo levadas para a redação. Eles realmente não poderiam abrir portas para as gerações futuras. (LEONARD, 1994, tradução da autora)²⁸

Sua própria biógrafa também nota isso, de forma que acredita que ter conhecimento de quem era Nellie Bly em livros infantis a incentivou a escolher o jornalismo como profissão, de acordo com o que declarou ao jornal *Los Angeles Times* na época do lançamento de seu livro sobre a repórter²⁹.

Lutes destaca ainda que o jornalismo performático exercido por Bly e por repórteres que seguiram seus métodos também foi considerado, durante muito tempo, uma espécie de fase vergonhosa do sensacionalismo. Esse tipo de visão também se deu devido a serem principalmente mulheres exercendo esse tipo de trabalho. Ou seja, nas poucas vezes em que ele é lembrado e estudado, ainda por cima, não são lhes dados os devidos créditos.

Caracterizadas como um modismo que desapareceu rapidamente, as repórteres do stunt foram vistas como uma fase estranha, e até mesmo embaraçosa, do jornalismo sensacionalista, fora de sincronia com a profissionalização que estava transformando as redações nas últimas décadas do século XIX. De fato, estudos insistem que as convenções de redação de notícias, especialmente aquelas que moldaram a ficção realista e naturalista, eram inerentemente masculinas. Diz-se que o ambiente da redação sem frescuras, associado à jornada do repórter da cidade pelo mundo agitado das ruas, ajudou a forjar a identidade masculina de escritores como Stephen Crane e Jack London. Essa caracterização do jornalismo como exclusivamente masculino obscureceu um espaço público nacional para as vozes das mulheres, criado por jornalistas que se imaginavam como veículo de publicidade, um papel duplo no qual as

²⁸ Texto original: *History of Journalism in the United States don't even mention her. Only now, in a new era when women make up 60% of journalism school students, is she being discussed in college classrooms. Reporters like Nellie Bly were one of the marketing techniques of yellow journalism, one of the fresh story ideas that editors brought in to boost circulation. They were sometimes respected and sometimes paid well, but it did not mean women were being ushered into the newsroom. They really couldn't break down the door for later generations.* Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1994-03-28-vw-39454-story.html>. Acesso em: 11 de julho de 2019.

²⁹ Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1994-03-28-vw-39454-story.html>. Acesso em: 11 de julho de 2019.

mulheres agiam simultaneamente como objetos e agentes. (LUTES, 2006, p. 13, tradução da autora)³⁰

Também poderia ser vergonhoso para uma mulher ser associada ao trabalho jornalístico. No Brasil, nem mesmo repórteres que cobriam assuntos ditos como tipicamente femininos assinavam com o próprio nome. Para a pesquisadora Eliza Bachega Casadei, isso se dava devido ao medo do ridículo. “Até a autora da seção de modas mostrava-se muito temerosa de um possível ridículo e, admitindo que lhe faltasse a coragem da editora, requereu seu anonimato fosse mantido” (CASADEI apud LIMA, 2007, p. 5) afirma sobre o periódico *Jornal das Senhoras*, lançado em 1855, dirigido e criado pela argentina radicada no Rio de Janeiro Joana Paula Manso de Noronha.

A revista tinha posicionamentos ousados para a época, que colocavam o casamento como um capricho masculino e uma forma do homem se apossar das mulheres para satisfazer o seu desejo, o que também justifica o anonimato dessas repórteres. “Daí o homem poder dizer ‘minha mulher’ com a mesma entonação de voz com que diz ‘meu cavalo, minhas botas, etc.’, pois tudo são trastes de seu uso” (Ibidem, p. 4).

Essa falta de reconhecimento, já na época, também se expressa no salário de Bly, que em nada aumentou após a viagem, tendo recebido apenas um telegrama de Pulitzer a parabenizando pelo feito. No entanto, também é válido ressaltar que antes de *Ten days in a mad house* ela teria recebido um adiantamento.

A volta da viagem também foi seguida por um hiato de três anos na sua carreira. Três semanas antes de sua viagem, o jornal havia sido supostamente processado devido a uma reportagem de Bly, mas sua biógrafa não encontrou nenhum documento referente ao assunto.

Após esse retorno, Bly esteve focada em transformar suas reportagens mais famosas em livros e em escrever ficção, carreira esta em que foi mal-sucedida a ponto de não se ter ao menos registros dessas tentativas. Seu retorno ao jornalismo e ao próprio *New*

³⁰ Texto original: *Characterized as a fad that quickly subsided, the stunt reporters have been viewed as an awkward, even embarrassing phase of sensation journalism, out of sync with the professionalization that was transforming news writing in the final decades of the nineteenth century. Indeed, current scholarship insists that news writing conventions, especially those that shaped realist and naturalist fiction, were inherently male. The no-frills newsroom environment, coupled with the city reporter's journey through the rough-and-tumble world of the streets, is said to have helped forge the self-consciously masculine identity of writers such as Stephen Crane and Jack London. This characterization of journalism as exclusively male has obscured a national public venue for women's voices, created by female journalist who imagined themselves as vehicles of publicity, a dual role in which women acted simultaneously as both objects and agents.*

York World também não causou tanto alarde quanto seus primeiros três anos no jornal, apesar de sua assinatura sempre impactar significativamente nas vendas.

Ela também passou a escrever para outros jornais frequência, mas trabalhando menos do que antes, especialmente depois de se casar com o milionário Robert L. Seaman, 30 anos mais velho do que ela, em 1895. Ela trabalhou apenas por mais um ano como jornalista após seu casamento, e seu trabalho não era bem aceito pelo seu marido, de forma que ele chegou a enviar um detetive particular para segui-la quando foi cobrir Convenção Nacional das Sufragistas, em Washington. Quando ele morre, em 1904, Bly assume seus negócios, que entram em falência em 1911.

Ela só volta a ganhar destaque com o início da Primeira Guerra Mundial. Na ocasião em Viena, Bly se torna a primeira jornalista mulher a ser uma correspondente de guerra, escrevendo para o *New York Evening Journal*, na época chefiado por William Randolph Hearst - e que, depois de sua morte, a descreveria no editorial do *Journal* como “a melhor repórter na América” (KROEGGER, 2009, p. 55) -, e para o *International News Service* (INS).

Ainda em uma análise da sua figura como celebridade, podemos dividir sua vida em dois momentos: sua atuação como filantropa quando se casa com um milionário e, afastada do jornalismo, dedica-se aos negócios que lhe são deixados de herança, o que também condiz com o tipo de trabalho jornalístico que sempre fez, isto é, sempre com o intuito de trazer a um problema de uma minoria que passa batido aos olhos do Estado, e a queda de sua popularidade como celebridade, algo que grande parte dos famosos parece enfrentar em algum momento.

Usando o conceito de capital solidário do sociólogo francês Pierre Bourdieu, o pesquisador Bruno Campanella no artigo *Celebridade, engajamento humanitário e a formação do capital solidário* entende que

sob uma perspectiva econômica, o envolvimento de celebridades em iniciativas humanitárias e ecológicas ajuda na ampliação e na qualificação da visibilidade midiática que elas adquirem ao longo de suas carreiras. Ou seja, o engajamento solidário oferece a artistas e personalidades da mídia uma nova dimensão àquilo que Heinich (2012) chama de capital de visibilidade: a dimensão qualitativa. (CAMPANELLA, 2014, p. 723)

No entanto, reduzir os interesses de Bly a uma questão de visibilidade também é complicado, na medida que toda sua carreira esteve em torno de elucidar tais questões e aproveitar o seu capital de visibilidade para trazer luz a causas e pessoas consideradas invisíveis no meio social. Quando assumiu os negócios do marido, por exemplo, Bly usou de sua experiência como repórter para oferecer um tratamento mais humanitário aos trabalhadores das fábricas, na medida em que conhecia bem essa realidade por já ter feito reportagens sobre ela, e acabou deixando de lado a parte administrativa, que seria a principal dos negócios.

Se ela se preocupava com inovação e com o bem-estar dos empregados, não se preocupava com os assuntos financeiros da empresa e deixava tudo nas mãos de seus “homens de confiança”, seu grande erro. Os responsáveis pelas finanças da empresa cometeram fraudes que a levaram à falência. (QUEIROZ, 2013, p. 84)

O sociólogo húngaro Paul Hollander também acredita que, a origem humilde facilite a identificação por parte do público com a figura da celebridade, de forma que pareça possível que qualquer um chegue lá. Isso aparece também na figura de Bly, na medida em que ela, diferente da maior parte das repórteres mulheres que conquistaram um posto nas redações, ela veio de uma família de classe socioeconômica inferior. Sobre isso, ele diz que “as celebridades que melhor personificam o êxito são as de origens humildes e cujos talentos ou feitos tenham sido tirados a ferros” (HOLLANDER, 2011, p. 62).

Mas no período em que retorna ao *World* também, antes de seu casamento, seu estilo já parece ultrapassado e ser comparada a ela, para as repórteres mulheres, já não é mais motivo de orgulho. “Foi o início de um longo período que a jornalista passou afastada da profissão que havia feito dela uma celebridade nos Estados Unidos” (QUEIROZ, 2013, p. 84). Sobre a queda das celebridades, Hollander afirma que

as celebridades são efêmeras e, ao contrário dos heróis do passado, são sempre contemporâneas, dependendo a sua permanência na ribalta de um esforço sustentado. A atenção limitada do público americano contribui para sua rápida queda - para a recorrente ascensão e queda das celebridades. (HOLLANDER, 2011, p. 65)

Depois que voltou de sua viagem, a aparência de Bly havia se tornado conhecida o suficiente a ponto de ela não conseguir mais realizar o *stunt*, isto é, se passar por outra

pessoa no intuito de redigir uma reportagem de caráter investigativo. Ela chega a escrever reportagens significativas, como o perfil da anarquista Emma Goldman, publicado com o título *Nellie Bly again* (Nellie Bly de novo) (QUEIROZ, 2013, p. 82), e também cobre a já citada Convenção Nacional das Sufragistas em Washington. Apesar das vendas dos jornais sempre aumentarem quando tinham Bly assinando alguma matéria, o interesse do público e nem dos editores nela já não era mais o mesmo.

Hollander explica essa ascensão e queda das celebridades tão ligeira - a carreira de Bly vai de janeiro de 1885, quando responde a reportagem do *Pittsburgh Dispatch*, a 1922, quando morre de pneumonia cobrindo a Primeira Guerra Mundial diretamente de Viena - devido a efemeridade da contemporaneidade. No caso de Bly, é ainda preciso levar em consideração que o jornalismo a todo momento se reinventa, com o intuito de estar sempre correspondendo aos anseios da atualidade.

O culto da celebridade e a orientação para o entretenimento que lhe está associada fazem parte das consequências inesperadas da modernidade, não só devido à tecnologia que o culto exige, mas também devido à ligação entre a modernidade, as altas expectativas e as dificuldades de encontrar relações pessoais sustentáveis e um sentido da vida tomado por adquirido. Tal como Boorstin conclui, as celebridades são "receptáculos em que depositamos a nossa própria falta de objetivos" (HOLLANDER, 2011, p. 80)

Mas apesar da figura de Nellie Bly ter deixado de ser vista como uma celebridade mais para o fim de sua carreira, conforme já foi na reportagem do *Los Angeles Times*, ela está sendo retomada. Seja na academia, a partir do momento que ela começa a de fato ser estudada como uma mulher revolucionária para o jornalismo, seja como uma personagem, aparecendo em livros infantis, em uma série, como foi o caso da segunda temporada de *American Horror Story*, na qual uma jornalista também se infiltra em um hospício - apesar de ela se passar na década de 1960, a repórter em questão ser lésbica e ter um nome diferente, a inspiração fica bem clara -, ou até mesmo em um filme biográfico.

No caso do filme³¹, são feitas mudanças bruscas na trajetória de Bly. A personagem, interpretada por Christina Ricci, perdeu a memória e não se lembra de como

³¹ ESCAPING THE madhouse: the Nellie Bly story, dir.: Karen Moncrief, Los Angeles: Lifetime, 2019.

chegou na Ilha de Blackwell, nem de quem era antes de ser internada. Ela é tratada por um médico que se compromete a ajudá-la a recuperar a memória.

No entanto, o médico descobre quem ela é quando um namorado milionário, que também não existiu na vida real, aparece na Ilha de Blackwell procurando por ela, uma vez que os jornais vinham noticiando o aparecimento de uma moça no hospício que condizia com a sua descrição. Apaixonado por Nellie Bly e com medo de perdê-la, mesmo sabendo de sua verdadeira origem, o médico mente para esse namorado dizendo que não é a mesma mulher.

O filme também exagera no que acontecia dentro do hospício. Em um episódio que a administradora do local, que também nunca existiu, diz ter tido um surto de piolho e adere à sugestão do médico de usar querosene para matar o parasita, uma das pacientes coloca fogo no próprio corpo.

Além disso, ela tem uma implicância especial com Nellie e a trata sempre como uma espécie de encenqueira. Também foi ela própria que, usando uma técnica especial de afogamento, fez com que a repórter perdesse a memória, assim que descobriu que ela estava infiltrada para relatar seus abusos contra as mulheres ali internadas.

No mesmo momento em que Nellie consegue recuperar a memória, o suposto namorado lê uma carta que a repórter teria deixado para ele, dizendo que ela estaria em uma missão especial, para ele não a procurar. Imediatamente ele vai atrás do chefe de Bly em um clube para homens de classe alta. Ele confronta Pulitzer para revelar para onde encaminhou sua repórter, ameaçando procurar William Randolph Hearst, dono do principal concorrente do *New York World* e com quem o namorado da jornalista diz ter estudado em Harvard, caso ele não contasse a verdade.

Assim, ele chega a Ilha de Blackwell no momento em que a administradora do local estava prestes a repetir o ritual de afogamento para que Bly perdesse a memória de novo. Como um príncipe, resgata a donzela da bruxa má.

Além de não fazer jus a história de Bly, que nunca perdeu a memória, nunca teve sua performance descoberta e nunca precisou ser resgatada por um homem, o filme transmite uma versão falsa dos fatos, sem ao menos avisar que é uma adaptação livre do que realmente aconteceu com a repórter na vida real. No entanto, ainda que diminua suas conquistas, ele a coloca como a primeira repórter a ser considerada uma celebridade. O

roteiro ainda lembra que mudanças foram feitas na forma em que eram tratadas as mulheres internadas e que, anos depois, o local fechou. Atualmente é um bairro residencial da cidade de Nova York.

Mas por mais importantes que essas adaptações sejam e que insiram Bly no imaginário de um público que não a conhece, é importante ressaltar que não basta tratá-la como celebridade. Com seu trabalho, Bly fez muito mais do que ser famosa.

E não é que ela não possa ser representada de modo ficcional. No caso da segunda temporada da série *American Horror Story*, por exemplo, ela é tida como um exemplo de bravura. Nos livros infantis, ela é uma inspiração, como foi para sua própria biógrafa e, ainda que seu filme reduza seus feitos e associe atitudes que tomou sozinha a um homem, ele também pode inspirar diversas mulheres a buscarem mais sobre ela.

Mas Nellie Bly representa muito mais do que uma celebridade, o que demonstra que é necessário não apenas tomá-la como personagem devido a isso, mas também como um objeto de um estudo sério.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos poucos momentos em que se falava nas mulheres que escreviam durante o final do século XIX e início do século XX, era sempre levando em consideração matérias que diziam respeito a assuntos como moda e beleza ou temas especificamente feministas, como o direito ao voto e a igualdade salarial.

Durante a graduação, não se estuda o momento em que as mulheres passam a ficar lado a lado dos homens. Não se estuda quando elas chegam às primeiras páginas, por exemplo, cobrindo assuntos como política ou economia. O recorte de estudos de gênero dificilmente é feito na História do Jornalismo, e, quando é, acaba por levar mais em consideração temas que concernem mais as próprias mulheres.

Em contrapartida, é essa falta de material que motiva projetos como esse. Em português, foram encontradas apenas duas autoras que estudam Nellie Bly, sendo uma brasileira e outra portuguesa. Mesmo nos Estados Unidos, as pesquisas ainda são muito recentes. A primeira e única biografia sobre a repórter é de 1994, cerca de um século depois de quando ela começou a escrever. O mesmo acontece com os textos usados sobre ela que, quando não são da década de 1990, são do início dos anos 2000. Quando Traquina define o que considera “jornalismo de disfarce”, dedica a Bly apenas quatro linhas escritas entre parênteses, sem ao menos assinalar que a autora de uma reportagem que inaugurou todo um movimento, era uma mulher.

Para um trabalho de conclusão de curso de graduação, é complexo escrever, pensar e analisar com tão pouco material especificamente sobre a autora. Foi preciso olhar para toda a bibliografia dos quatro anos de faculdade para fazer um recorte e encaixar a autora em especificidades que normalmente não são atribuídas a mulheres que faziam jornalismo no século XIX, entendendo-a assim nos subtemas da imersão, da histeria e da análise de sua figura como celebridade, os quais condizem especificamente com sua personalidade, o que também justifica a metodologia escolhida ter sido uma análise histórica por meio de um estudo de caso.

Mas esse trabalho se mostrou necessário. Ao longo da pesquisa, ficou claro que ignorar o que repórteres como Nellie Bly e outras *stunt-girls* fizeram é ignorar uma parte importante da História do Jornalismo. Para entender o presente é preciso olhar para o

passado. Também é muito difícil entender o que é ou não é essencial. No entanto, é grave fechar os olhos para mulheres que, já no século XIX, usavam de seus corpos, sempre subjugados e reduzidos a hiperssexualização, para ocupar um espaço que lhes era negado: a redação. Se hoje, a maior parte das redações são ocupadas por mulheres, as repórteres que exerciam o *stunt* tem a seu mérito nisso, além de terem inaugurado todo um novo fazer jornalístico.

Claro que, conforme foi dito, é muito difícil em pensar se esse trabalho dá ou não conta de ocupar esse buraco na História do Jornalismo, é muito complexo. Porém, também se entende de que de alguma lugar tem que se começar.

Ser um dos primeiros trabalhos sobre o assunto, especialmente em português, é uma honra da qual espero ter dado conta. Também espero que este trabalho possa abrir caminhos para mais pesquisas sobre o assunto e, principalmente, inspirar outras mulheres a estudarem mulheres que abriram as primeiras páginas dos jornais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva; ENNE, Ana Lucia Silva. Jornalismo Popular, a construção da narrativa e o fluxo sensacional. *Revista ECO-PÓS*. Rio de Janeiro: v.8, n.2, p. 67-87, agosto-dezembro, 2005.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Roberto Aguiar. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BLY, Nellie. *Ten days in a madhouse*. [Kindle] Nova York: Ian L. Munro, Publisher, 1887.

CASADEI, Eliza Bachega. A Inserção das Mulheres no Jornalismo e a Imprensa Alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. *Revista Alterjor*. São Paulo: v.3, n. 1, p. 1-10. 2012.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GABLER, Neal. *Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade*. Companhia das Letras: 1999.

GOODMAN, Mathew. *Eighty Days: Nellie Bly and Elizabeth Bisland's History-Making Race Around the World*. [Kindle] Nova York: Ballantine Books, 2013.

HOLANDA, André et al. Metodologias de pesquisa em jornalismo participativo no Brasil. *Brazilian Journalism Research* (Versão em português): v.1, n.1, julho-dezembro, 2008

HOLLANDER, Paul. A cultura da celebridade americana, a modernidade e a decadência. Em *Vida como um filme: fama e celebridade no século XXI*. Org. Eduardo Cintra Torres e José Pedro Zúquete. Texto Sociedade.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. - Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KROEGER, Brooke. *Nellie Bly: Daredevil, Reporter, Feminist*. [Kindle] Nova York: Three Rivers Press, 1994.

LUTES, Jean Marie. *Front-page girls: women journalists in American culture and fiction, 1880-1930*. Ithaca & Londres: Cornell University Press, 2006.

MORETZSOHN, Sylvia. O caso Tim Lopes: o mito da "mídia cidadã". *Discursos Sediciosos: Revista Instituto Carioca de Criminologia*, Rio de Janeiro, Revan, n.12, p.291-317, 2002

MORIN, Edgar. *As estrelas: Mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MOTT, Frank Luther. *American Journalism: a history of newspapers in United States through 250 years, 1690-1940*. Nova York: The Macmillan Company, 1950

QUEIROZ, Natalia Costa Cimó. *O auge de Nellie Bly: uma jornalista estadunidense no final do século XIX*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, 2013.

RABÊLO, Fabiano Chagas. Sobre o legado de Breuer e Anna O. *Tempo psicanalítico*. vol.43 no.2, dezembro, 2011

SILVEIRINHA, Maria João. As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: contributos para uma não-ossificação da História do Jornalismo. *Revista Comunicação & Sociedade*. V. 21. 2012.

SIMÕES, Paula. Celebridades na sociedade midiaticizada: em busca de uma abordagem relacional. *Revista ECO-PÓS*. Rio de Janeiro: v. 16, n. 1, p. 104-119, janeiro - abril. 2013

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005.

VAUGHN, Stephen L. *Encyclopedia of American Journalism*. Nova York: Taylor & Francis Group, 2008.

